

Marcus Alexandre Mendes de Andrade
Marlene Aparecida Puga Rosales Namias
Alexandre Felipe de Oliveira
Maisa Marchetti Barbosa

O PEQUENO
PRÍNCIPE
Múltiplos Olhares

2021

Capa: Davi Vituchi
Prefácio: Aparecida Cristina de Carvalho
Poesia: Mauro Sérgio Santos da Silva



*Aos adultos que carregam uma criança dentro de si
e que querem fazer uma viagem reflexiva e inspiradora
pelo mundo de “O Pequeno Príncipe”,
analisado a partir de múltiplos olhares.*

*"Quando a gente anda sempre para frente,
não pode mesmo ir longe..."*
(Antoine de Saint-Exupéry)

PREFÁCIO

O período é de pandemia. O mundo todo precisando se reinventar, se adequar ao "novo normal". Incertezas, ansiedades e a morte passeando deliberadamente, compactuando com o vírus SARS-CoV-2, agente causador da Covid-19. Uma parceria arrasadora.

Em meio a esse cenário nebuloso, cuja necessidade maior é o distanciamento físico entre entes queridos, um grupo de profissionais de diferentes áreas decide suavizar as emoções com a releitura de “O Pequeno Príncipe”. O inusitado acontece: uma produção literária riquíssima e intertextualizada nasce através de encontros on-line.

O resultado? Uma belíssima jornada voltada ao nosso eu mais profundo. Através desta leitura, visitei lugares nunca antes navegados, num borbulhar de encantamentos e reflexões.

Vou levar comigo, na bagagem da alma, cada novo chão em que pus o coração.

Convido a todos a apreciar e saborear esse “Pequeno Príncipe” que cresce a cada tecitura literária.

Confrontar nossos adultos com nossas crianças “invisíveis” requer coragem. Quem tem coragem, que venha!!!

Aparecida Cristina de Carvalho

LAÇOS E NÓS

Mauro Sérgio Santos da Silva

Quando não eu
há um outro
dentro de mim.
Esse não me sei;
aquele, tão pouco...
O outro é o que me acusa de estar.

O caminho de quem parte
permanece
nos olhos
que ficam
que fitam
que se espantam
que se findam.

Tudo o que encontro
se
perde
me
esconde
me
prende
me.

Todo encontro
me
desfaz

me
desarma
me
deserda
me
desmente
me
desvela
me
desmonta-me.

E vive-se sempre
muito!
depressa...

Nos desertos que ergo,
perco-me.

E é aí que me salvo.

Nunca me encontro,
salvo
quando
disperso...

Quando não eu
há um outro
dentro de mim.
Esse não me sei;
aquele, tão pouco...
O outro é o que me acusa de estar.
Em seus passos, vejo meu olhar.

Em seus olhos, me vejo caminhar.

Sempre que parto
levo comigo
um quarto
de mim.

Os outros ficam.

INTRODUÇÃO

O homem por trás de “O Pequeno Príncipe”

*Sou um homem remexendo na cinza, à procura de alguma coisa.
Um homem que se esforça para encontrar as brasas da vida,
no fundo de uma fornalha apagada.*
(Antoine de Saint-Exupéry, *Terra dos homens*)

Antoine de Saint-Exupéry nasceu no dia 29 de junho de 1900, em uma família abastada, na cidade de Lyon, na França. Seu pai era conde, mas morreu quando ele tinha apenas quatro anos. A partir de então, Antoine, seus quatro irmãos e sua mãe passaram a viver num castelo da família, em Saint-Maurice-de-Remens.

Tendo feito seus estudos iniciais em um colégio católico, de padres jesuítas, com 17 anos começou a se preparar para entrar na Escola Naval, em meio ao conflito da Primeira Guerra (1914-1918), que muito marcou sua experiência pessoal e sua percepção de mundo.

Em 1921, estava prestando serviço militar em Estrasburgo e ali se apaixonou pela aviação, fazendo de tudo para tirar seu brevê. A aviação e a experiência do deserto passaram a marcar diretamente sua alma. Voando, sentia-se livre e poderoso; vivendo no deserto ou passando por lá, percebia as fragilidades humanas e a sua incapacidade de dar conta da própria sobrevivência.

O deserto faz na sua vida uma espécie de conversão. É no deserto que Antoine se volta para o homem e seus valores e suas misérias. A capacidade de adaptação e compreensão da vida nasce de relacionamentos nesta época. Os seus companheiros de trabalho ou mesmo os outros companheiros encontrados pelas areias fizeram Saint-Exupéry encontrar uma visão madura de humanidade que foi revelada em seus escritos. (FREITAS, 2020).

Ambas as experiências foram tão significativas que modificaram a compreensão de mundo de Saint-Exupéry, assim como a compreensão que tinha de si mesmo e da condição humana. Inclusive, uma experiência profunda do deserto, ele a teve em 1935, quando seu avião teve uma pane ao sobrevoar o deserto da Líbia. Antoine de Saint-Exupéry ficou perdido na região, sendo resgatado apenas dois dias depois.

Em 1929, começou a trabalhar como diretor na Aeropostal Argentina, passando a residir na América Latina. Em 1931, casou-se e, tendo perdido o emprego, retornou para a França.

Quando estourou a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Saint-Exupéry ficou descompensado. Não aceitava os horrores do conflito nem as atrocidades cometidas por ambos os lados beligerantes.

De início, trabalhou no reconhecimento aéreo. Depois de um tempo exilado em Nova York, voltou a trabalhar na aviação de guerra fazendo reconhecimento da região do conflito. Foi nesta missão, sobrevoando o território francês, que, em 1944, seu avião foi atingido e seu corpo desapareceu.

Só em 1998, algum vestígio seu apareceria. Uma pulseira com seu nome e o de sua esposa gravados foi encontrada no litoral de Marselha. Nesta mesma região, em 2004, partes de seu avião foram encontradas.

Escrito em 1943, “O Pequeno Príncipe” mostra Saint-Exupéry em sua maturidade literária, especialmente por ele se propor a analisar o ser humano, nos vários personagens que desfilam pelo livro. Ao narrar os aspectos psicológicos e o cotidiano de vários personagens, o autor busca, mais do que tudo, descrever a condição humana.

O pequeno príncipe, personagem central da obra, é o homem em busca de si mesmo, de valores fundamentais para a

sobrevivência, de respostas para seus questionamentos. É o aviador que não tem medo de sobrevoar o mundo, indo, inclusive, além do sobrevoo. Ele faz questão de pousar em todos os planetas, mesmo que representem aridez e solidão. Nada diferente das várias experiências de deserto e abandono vividas pelo autor. O pequeno príncipe é, com efeito, a imagem perfeita das buscas do próprio Saint-Exupéry.

Os personagens encontrados nos vários planetas e com os quais o pequeno príncipe trava um debate, às vezes mais intenso, outras mais pontual, são aspectos humanos e paradigmas existenciais, diante dos quais o autor se depara em seu desejo de encontrar-se. Qual escolha fazer? Qual caminho seguir? Qual modelo de vida adotar?

No livro, são vários os caminhos sugeridos, desde aquele representado pelo bêbado, “que bebe para esquecer que bebeu” – símbolo da total irresponsabilidade diante da vida, pois deseja uma letargia contínua – até aquele representado pelo homem de negócios, que tem um perfil oposto ao do bêbado, se bem que também se esquece de si. O homem de negócios, não por irresponsabilidade, mas por excesso de trabalho, cujo sentido é questionado no texto – afinal “apenas por três vezes foi interrompido em seu serviço” –, torna-se paradigmático por oferecer ao leitor e ao próprio autor, imerso em suas buscas, uma existência tomada pelas muitas ocupações, sacrificando a própria vida no altar do trabalho.

Antoine de Saint-Exupéry, o homem por trás de “O Pequeno Príncipe”, se tornou, assim como seu principal personagem, um paradigma do homem que busca. Vivendo já como adulto no período entre guerras e depois em meio às calamidades da Segunda Guerra Mundial, sobrevoando o mundo dentro de um avião, ele buscou mergulhar na condição humana e não apenas se contentou em encontrar uma resposta para si (se, de fato, a conseguiu), mas quis

convidar o mundo, que seria leitor voraz de sua obra-prima, a entrar nesta mesma busca pelo ser humano.

Como peregrino, o ser humano luta com as dificuldades materiais, contra a solidão, contra as injustiças sociais, contra o desânimo e contra o próprio ser humano, entre outras tantas lutas.

O ser humano é como um planeta. Um planeta pequeno, frágil e com pretensa natureza violenta, como a dos vulcões. Afastar a natureza destrutiva de um planeta exige de todos conhecimento e sensibilidade no trato interpessoal, especialmente quando se está em jogo a escolha pelo cultivo de “rosas” ou “baobás”.

Segundo Saint-Exupéry,

se o respeito pelo homem estiver estabelecido no coração dos homens, os homens acabarão por estabelecer, em retribuição, o sistema social, político ou econômico que consagrará esse respeito (Antoine de Saint-Exupéry apud SENDME, 2021).

Somente por meio do respeito é possível assegurar o poder essencial da alma humana que, estabelecido desde o nascimento, possibilita ao ser humano ser reconhecido, compreendido e respeitado na sua individualidade.

Neste livro, “O Pequeno Príncipe: Múltiplos Olhares”, a principal contribuição dos autores é apresentar uma interpretação possível da linguagem simbólica de “O Pequeno Príncipe”, presente em cada um de seus 27 capítulos, interpretação esta capaz de conduzir o leitor a uma reflexão profunda a respeito da condição humana em geral e de si mesmo.

Levando em conta as mais sensíveis características da alma do autor e procurando ser-lhe fiel, o presente livro é um instrumento precioso para pais, professores e educadores, como também para todos os leitores apaixonados pela obra “O Pequeno Príncipe”. Seu intuito é possibilitar uma análise aprofundada, a partir de várias abordagens, de cada capítulo do texto de Antoine de Saint-Exupéry.

Nele, as questões analisadas direcionam o leitor para a compreensão do desenvolvimento da consciência humana, que transforma tanto a si mesmo quanto o mundo a seu redor.

Pensado com todo carinho por uma equipe multidisciplinar, composta por um filósofo, uma pedagoga, um psicólogo e uma socióloga, ao longo dos meses que a pandemia da COVID-19 trancou a todos em suas casas, este livro é um convite a uma viagem interior e a um sobrevoo pela sociedade atual.

Basta agora ao leitor ter coragem de sair de seu mundo, cheio de “rosas” e “vulcões revolvidos”, para iniciar esta caminhada em busca do essencial, que, como diz o próprio texto, “é invisível aos olhos”, mas jamais inatingível!

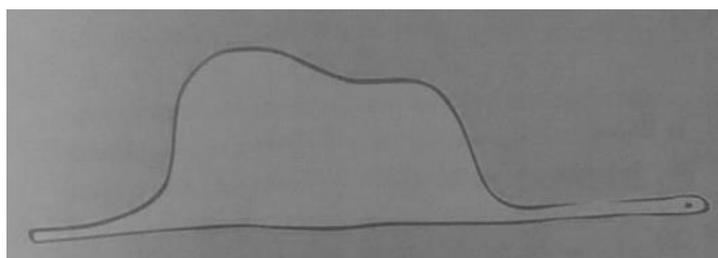
I

Certa vez, quando tinha seis anos, vi num livro sobre a Floresta Virgem, "Histórias Vividas", uma imponente gravura. Representava ela uma jiboia que engolia uma fera. Eis a cópia do desenho.



Dizia o livro: "As jiboias engolem, sem mastigar, a presa inteira. Em seguida, não podem se mover e dormem os seis meses da digestão".

Refleti muito então sobre as aventuras da selva, e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. Meu desenho número 1 era assim:

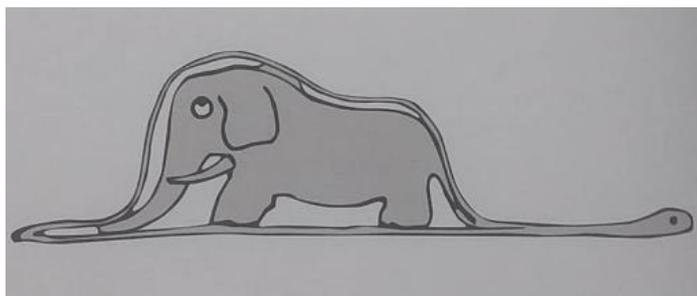


Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes fazia medo.

Responderam-me: "Por que é que um chapéu faria medo?"

Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jiboia, a fim de que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações. Meu desenho número

2 era assim:



As pessoas grandes aconselharam-me deixar de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas, e dedicar-me de preferência à geografia, à história, ao cálculo, à gramática.

Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma esplêndida carreira de pintor. Eu fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar toda hora explicando.

Tive, pois, de escolher uma outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei, por assim dizer, por todo o mundo.

E a geografia, é claro, me serviu muito. Sabia distinguir, num relance, a China e o Arizona. É muito útil, quando se está perdido na noite.

Tive assim, no correr da vida, muitos contatos com muita gente séria. Vivi muito no meio das pessoas grandes.

Vi-as muito de perto. Isso não melhorou, de modo algum, a minha antiga opinião.

Quando encontrava uma que me parecia um pouco lúcida, fazia com ela a experiência do meu desenho número 1, que sempre conservei comigo. Eu queria saber se ela era verdadeiramente compreensiva. Mas respondia sempre: "É um chapéu". Então, eu não lhe falava nem de jiboias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Punha-me ao seu alcance. Falava-lhe de bridge, de golfe, de política, de gravatas. E a pessoa grande ficava encantada de conhecer um homem tão razoável.